

A CONTA VISIGÓTICA DO FORTE DE LOVELHE VILA NOVA DE CERVEIRA

Carlos A. Brochado de Almeida
Maria Adelaide F. Recarey

Foi no decorrer dos trabalhos arqueológicos na estação do Forte de Lovelhe, que apareceu a conta que agora noticiamos.

Administrativamente, o Forte, uma construção setecentista ligada às guerras da Restauração e às Invasões Francesas, pertence à freguesia de Lovelhe, concelho de Vila Nova de Cerveira (Fig. 1.1). Está situado no cimo de um pequeno cabeço, localizado na margem sul do rio Minho e nas imediações de uma das passagens naturais entre o Minho e a Galiza (Fig. 1.5).

Arqueologicamente, Lovelhe e o seu aro, é uma região rica. Na zona do Forte há indústrias líticas atribuídas ao paleolítico⁽¹⁾. No monte da Senhora da Encarnação (serra da Gávea) há um conjunto de insculpturas recentemente estudadas⁽²⁾, dois habitats da idade do ferro (Craсто e Espírito Santo)⁽³⁾ e uma atalaia medieval. No sopé, a nascente e nas imediações do Forte, está o lugar da Breia onde se situa a Quinta da Água Branca. Aqui, apareceu a sepultura da idade do bronze com o valioso espólio de anéis e diadema, em ouro, pertencentes à colecção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia⁽⁴⁾. O próprio local do Forte, aquando da sua implantação, não era um sítio, arqueologicamente, virgem. Para além dos vestígios de uma ocupação romana que, começando nos primórdios da romanização se estende até ao período suevo-visigótico, há a assinalar ainda um habitat da idade do ferro cujos vestígios estão bem patentes dentro da Quinta do Forte⁽⁵⁾ (Fig. 1.5).

A escavação, que iniciamos em 1985, incidiu sobre uma faixa de terreno situado entre a estrada que faz ligação à marina e o muro da Quinta do Forte. Aqui se viam, semi-destruí-

das,⁽⁶⁾ as estruturas de um edifício feito segundo a técnica romana e encontravam-se cerâmicas pertencentes ao castrejo final, comuns de época romana, sigillata hispânica e Clara D, vidros, ânfora, cinzentas finas, paredes finas, um fragmento de mosaico, moedas (a mais antiga é de Tibério) e algumas cerâmicas típicas da idade média portuguesa.

Foi no quadrado IV, estrato 4, que a conta apareceu. Mas vejamos a estatigrafia (Fig. 2.1).

As duas camadas superficiais são, o que se pode chamar, uma entulheira. Ambas possuem abundância de seixos, pedra miúda, tégula, ímbrex e cerâmica, que vai de castrejo final até à idade média. O que as diferencia é a tonalidade. A 1 tem uma coloração cinzenta, a 2 é mais amarelada, talvez porque seja o que resta da destruição de uma construção relacionada com o piso subjacente. Este, o 3, apresenta-se muito bem pisado e feito à base de terra cinzenta, tégula, pedra miúda, pequenos seixos e cerâmica fragmentada. Terá igualmente, funcionado como camada de nivelamento.

Fosse qual fosse a sua primitiva função, o certo é, que sela a ocupação suevo-visigótica

1. O Forte está implantado num terraço fluvial.
2. Virgílio N. H. CORREIA, Maria Adelaide RE CAREY, *Insculpturas Rupestres da Serra da Gávea; Sra. da Encarnação*, Colóquio em Homenagem a Manuel de Boaventura, Esposende, 1985 (a sair).
3. Martins SARMENTO, *Os Dispersos*, Coimbra, 1933, p.166.
4. José FORTES, A SEPULTURA DA QUINTA DA ÁGUA BRANCA, *Portugália*, II, Porto, 1905, p. 241-252.
5. Para além de cerâmica há restos de uma habitação de planta circular.
6. Foi o alargamento do velho caminho que pôs a descoberto este conjunto arquitectónico.
7. J. W. HAYES, *Late Roman Pottery*, London, 1972, p.150-151.

que lhe está por debaixo e que corresponde às camadas 4, 5, e 6. O piso desta ocupação, o 6, é de barro amassado com brita, tégula e cerâmica. Inscrutada estava uma lareira, delimitada com tijolos reaproveitados, sendo feita a parte onde ardia o fogo com saibro granuloso muito bem amassado com brita miúda, tégula e cerâmica fragmentada (Fig. 2.3). Do funcionamento dela resultou a camada 5 e, em parte, a 4. A 5 tem uma coloração acinzentada, abundando os carvões e a cerâmica partida. Nela, entre outro material, recolhemos um fragmento de bordo de uma taça, em Clara D, da forma 91 de Hayes (Fig. 2.2) (7). A 4, cinzento-amarelada, é uma mistura da camada de ocupação com a destruição dos muros. Foi aqui que apareceu a conta, que agora estudamos. Abaixo, está uma camada de areão de rio, a 7, ainda não totalmente escavada.

Com cerca de 3 cm de comprimento por 1,5 cm de largura, tem uma forma bitroncocônica (Fig. 1. 4 e 6). Pesa 8,5 grs. e tem, percentualmente, 95% de ouro, sendo os restantes 5%, numa distribuição muito irregular, de prata e ferro.

A conta foi feita em duas finas folhas de ouro, independentes, retangulares, marteladas, enroladas e soldadas de modo a darem dois troncos de cone. Na menor das extremidades foi, então, soldada com fundente simples⁽⁸⁾ uma folha de ouro, circular, após ter sido aberta, em cada uma, com instrumento contundente, um orifício para a passagem do fio de suspensão. Finalmente, os dois troncos de cone foram justapostos e soldados.

O material usado na decoração foi um fio de ouro, com cerca de 1mm de espessura, previamente batido sobre uma matriz. Assim se obteve uma fieira decorada com uma série de pequenos sulcos que imitam o fio torcido ou o perlado.

A primeira operação consistiu em cobrir, com 2 e 3 voltas, o corpo central da peça, ou mais precisamente, a zona de justaposição dos dois troncos de cone. Pelo mesmo método foram cobertos os topos menores dos troncos de cone e a superfície das placas por onde passa o fio de suspensão.

Assim se disfarçou o sítio da soldadura, as rebarbas não limadas dos orifícios de suspensão e se lançaram as bases do sistema decorativo.

O espaço decorativo está dividido em quatro partes, duas por tronco de cone. A divisão

do espaço fez-se com fio igual ao anterior. Os espaços centrais foram preenchidos com doze peltas (palmetas) ⁽⁹⁾, seis em cada um, de diferentes tamanhos e formas (Fig. 1. 4 e 6). No interior de cada um há, por princípio, um S direito, invertido ou deitado. Casos há em que só há meio S ou, então, só a pelta⁽¹⁰⁾. Os topos, mais largos que os centrais, foram ocupados, um com doze, o outro com treze SS alongados, direitos uns, invertidos outros.

A conta agora descrita pertence ao período suevo-visigótico. Os paralelos mais aproximados que conhecemos são duas contas de brincos enfiados num fio torso de ouro procedentes de Daganzo de Arribas (Madrid), depositadas no Museu Nacional de Arqueologia⁽¹¹⁾ e datadas do século VI (Fig. 1.3) (12) e outros semelhantes provenientes da Torre Dondimen, (Jean) e depositadas no Museu Arqueológico de Barcelona.

Do mesmo período ou ligeiramente posterior é a conta agora em estudo. Para isso contribuem, não só as peltas decorativas presentes em jóias, cerâmicas e materiais de construção datados entre o século V e o VIII⁽¹³⁾ bem como o fragmento da taça, em Clara D, da forma 91 de Hayes com uma datação entre 490 e 550⁽¹⁴⁾.

8. Bieito PERES OUTEIRIÑO, *De Ourivesaria Castrexa, I. Arrecadas*, Anexo I do Boletim Auriense, Orense, 1982, p. 143-151.

9. Jacques FONTAINE, *L'Art Pré-Roman Hispanique, I. Zodiaque*, 1973, Est. 28, chama a este motivo «peltas».

10. Como não encontramos vestígios de solda, é possível que o fio de ouro não tenha chegado para toda a decoração.

11. Agradecemos a Bieito Outeiriño a informação. A referência desta peça no mencionado museu é 57.813-4. CFR.

José PÉREZ DE BARRADAS, *Necrópolis Visigótica de Daganzo de Arriba (Madrid)*, "Homenagem a Martins Sarmento" Guimarães, 1933, p. 277-280.

12. O desenho que apresentamos é uma cópia aproximada e extraída da Revista de Arqueologia.

13. Pedro de PALOL, *Arqueologia Cristiana de la España Romana-siglos IV-VI*, Madrid-Valladolid, 1967, p.261-263. Matilde LÓPEZ SERRANO, *Artes Decorativas de la España Visigoda, História de España*, dir. de Menendez Pidal, T. III, reed. 1963.

Joaquim MANZANARES RODRIGUES, *Las Joyas de la Cámara Santa. Valores Permanentes de Ovideo*. Ovideo, 1972.

Isa Belli BARSALI, *L'Oreficeria Medioevale* (Col. Elite), Milano, 1966.

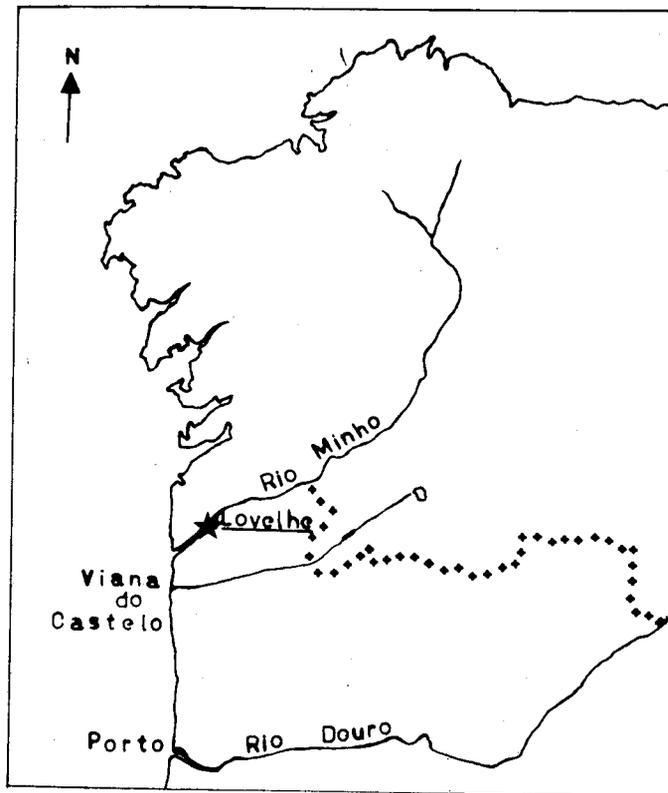
Graham HUGHES, *The Art of Jewellery*, (Studio Vista), London, 1972.

Bijoux et Parures Merovingiens de la Reine Arégonde, (Dossiers de l'Archeologie, n.º 32), Jan-Fev. 1979.

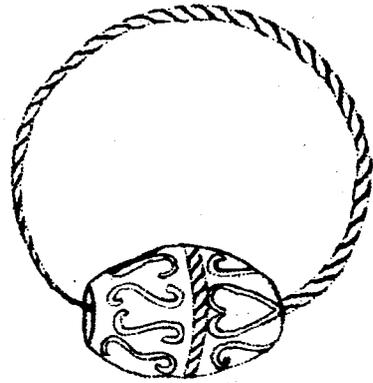
Jewellery-Through 7000 Years, The Trustees of the British Museum, London, 1976.

14. J. W. HAYES, op. cit.

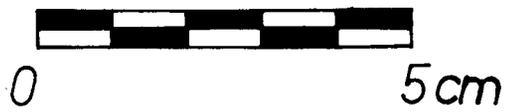
Fig. 1



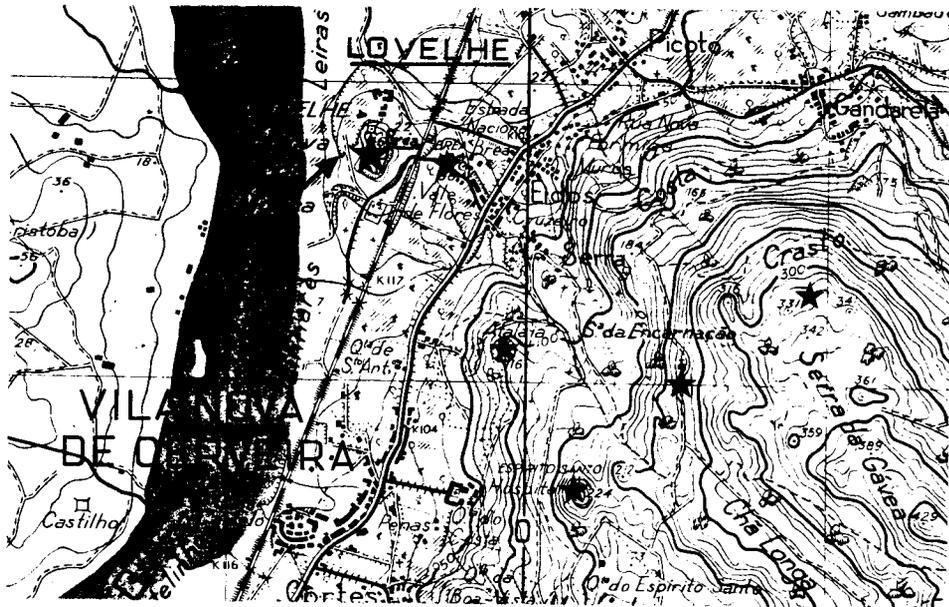
1



3



4

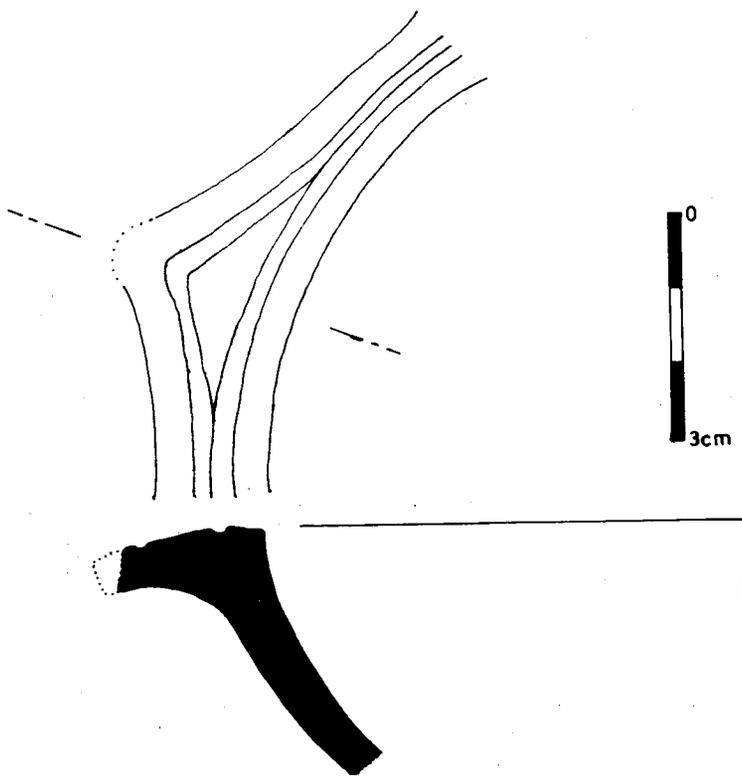
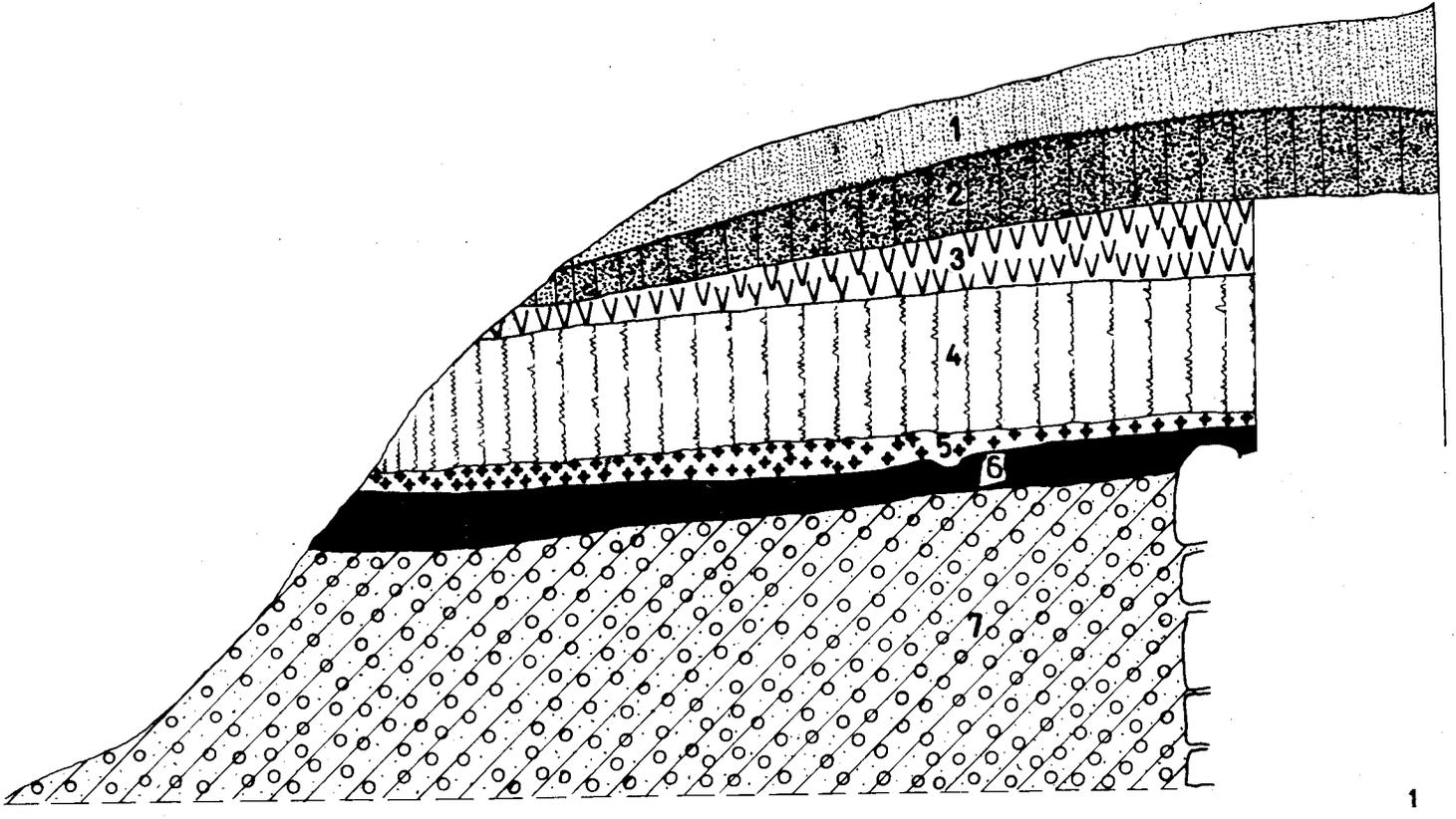


5



6

Fig. II



2

3